

## **ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR FINANCEIRO E PRODUTIVIDADE NO AMBIENTE DE TRABALHO**

**FABIENNE MARA FERREIRA MATOS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ

**ANDRÉ LUIZ MEDEIROS**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ

### **Resumo**

O ensaio discute a relevância crítica da alfabetização financeira nas organizações, salientando como a carência de aptidão financeira tem consequências como endividamento e stress, que repercutem na produtividade laboral.

### **Palavras Chave**

Alfabetização financeira , Bem-estar financeiro, Organização que Aprende

# ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR FINANCEIRO E PRODUTIVIDADE NO AMBIENTE DE TRABALHO

## RESUMO

Este ensaio analisa a importância da alfabetização financeira e do bem-estar financeiro na cultura das organizações. Com base em uma pesquisa bibliográfica, destaca que a falta de educação financeira pode levar ao endividamento, resultando em estresse e doenças financeiras o que pode refletir no ambiente de trabalho gerando baixa produtividade. De acordo com a OECD, a educação financeira aprimora o entendimento sobre produtos financeiros, e a alfabetização financeira combina habilidades e atitudes para decisões sólidas. Integrar a Alfabetização Financeira com a teoria da Organização que Aprende de Peter Senge pode ser uma estratégia eficaz para inserir o tema em programas de educação continuada, visando melhorar o bem-estar das pessoas e conseqüentemente seu desempenho. Ao adotar programas de alfabetização financeira dentro de iniciativas de responsabilidade social, as empresas não só fortalecem seu compromisso social, mas também recebem benefícios que incluem a retenção de talentos, a redução de custos associados à assistência médica e faltas no trabalho, impactando positivamente em seus lucros. Entretanto, o ensaio reconhece limitações como a falta de dados sobre o impacto pós-capacitação em ambientes organizacionais. Concluindo, o ensaio sugere que integrar a alfabetização financeira na cultura organizacional é estratégico podendo impactar na produtividade e na lucratividade empresarial.

**Palavras-chave:** Alfabetização financeira, Bem-estar financeiro, Organização que Aprende.

## 1 INTRODUÇÃO

A falta da Educação Financeira pode se tornar um grande problema, considerando suas conseqüências não só para a vida financeira de uma pessoa, mas para sua vida pessoal, social e profissional. Proporcionar este conhecimento às pessoas é torná-las capazes de lidar com o dinheiro, de administrá-lo de maneira favorável às suas necessidades, sonhos e expectativas de uma vida mais saudável, mais tranquila.

Com intuito de prover a população deste conhecimento, a alfabetização financeira institui-se como o melhor meio, por tratar-se da disseminação de conhecimento e compreensão que permitem tomadas de decisões financeiras sólidas e uma melhor gestão das finanças pessoais, (YAKOBOSKI, LUSARDI e HASLER, 2022), buscando sempre, seu bem-estar.

O bem-estar financeiro de acordo com o *Consumer Financial Protection Bureau (CFPB, 2015)*, é um estado em que uma pessoa atinge plenamente suas responsabilidades financeiras atuais e futuras, sentindo-se segura em relação a sua situação econômica e capacitada para tomar decisões que permitam desfrutar a vida.

Este sentir-se seguro, não implica em não ter dívida. Contrair dívida não necessariamente significa uma situação negativa (CAMPARA, VIEIRA e CERETTA, 2016), já que esta pode ser utilizada para investimentos em bens produtivos de forma aumentar o patrimônio e movimentar a economia. Passa a ser problema quando a pessoa perde o controle dessas dívidas e não consegue arcar com seus compromissos (SANTOS, ROGERS e ROGERS, 2018), passando da condição de endividado para a de multiendividado (FRADE, 2007) e algumas vezes, inadimplente.

Como seqüela do endividamento, algumas doenças podem aparecer. O estresse financeiro esteve fortemente associado a sintomas relacionados à depressão, ansiedade e raiva,

(TURUNEN e HIILAMO, 2014), entre outros, causando queda na qualidade de vida das pessoas e afetando sua vida e seu desempenho no trabalho. Um mal rendimento laboral pode estar ligado a fatores como preocupação com dinheiro, (VIEIRA, BATAGLIA e SEREIA, 2011).

Este ensaio se propõe a despertar o interesse para a necessidade de futuras pesquisas acadêmicas com foco na integração da alfabetização financeira e do bem-estar financeiro no contexto das organizações, utilizando a Teoria da Organização que Aprende (SENGE, 2018) como base. Ao examinar poucos estudos que se referem os impactos dessa integração na saúde física e mental, bem como no desempenho profissional dos colaboradores, o estudo pretende servir como um motivador para investigações mais aprofundadas sobre o impacto desse tema e com, incentivar as empresas a incorporarem a alfabetização financeira em sua cultura organizacional, visando contribuir para o desenvolvimento de uma equipe mais engajada, eficaz e com melhor bem-estar financeiro.

Para isso é importante destacar o quão significativas podem ser as consequências do analfabetismo financeiro, que vão além da esfera financeira, comprometendo a vida pessoal, social e profissional das pessoas. O objetivo é mostrar a necessidade de proporcionar conhecimento e habilidades financeiras, essenciais para que indivíduos possam gerir seus recursos financeiros de maneira eficaz e isso pode ser facilitado se ofertado dentro do ambiente de trabalho.

Para se chegar a resultados que confirmem as vantagens desse tipo de intervenção a literatura precisa de mais estudos e discussões que possam preencher essa lacuna. Portanto, o ensaio se justifica pela intensão de motivar ações de desenvolvimento nesta área tão importante, através do incentivo da incorporação da alfabetização financeira na cultura das organizações, buscando promover o desenvolvimento pessoal de seus colaboradores, agregar valor à organização como um todo, contribuir para o crescimento sustentável e a responsabilidade social corporativa, e alcançar maiores níveis de produtividade.

## **2 . FUNDAMENTAÇÃO E DISCUSSÃO**

### **2.1 DEFINIÇÕES E DISTINÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA**

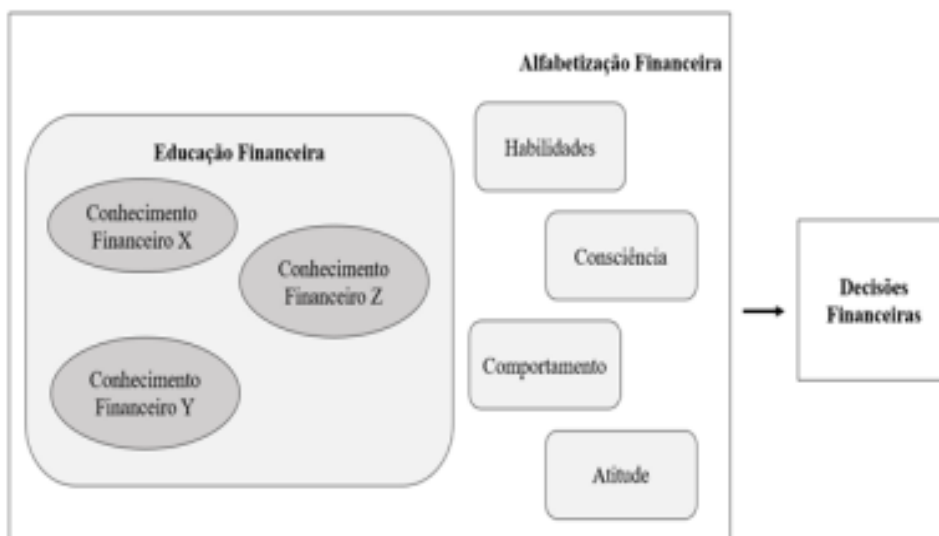
Educação Financeira, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, 2005), é definida como um processo em que indivíduos e sociedade aprimoram sua compreensão de conceitos e produtos financeiros, de modo que, por meio de informação, formação e orientação, desenvolvam valores e competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos envolvidos.

Domingos (2022) afirma que a educação financeira é uma ciência humana que busca a autonomia financeira. É fundamentada por uma metodologia baseada no comportamento humano e tem como objetivo construir um modelo mental que promova a sustentabilidade, crie bons hábitos e seja capaz de proporcionar equilíbrio entre ser, fazer, ter e manter.

Já a alfabetização financeira é definida pela OECD (2020) como uma combinação de consciência, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos financeiros necessários para tomar decisões financeiras mais sólidas e, por fim, alcançar o bem-estar financeiro.

Essa ambiguidade entre os dois termos pode levar ao desenvolvimento de programas que tentam atingir múltiplos objetivos sem focar efetivamente em nenhum, o que não é o ideal, diminuindo assim, o impacto de programas de capacitações, tornando-os menos eficazes. Talvez isso aconteça, pela falta de consenso na literatura sobre o que efetivamente significa cada abordagem. Sendo assim, aqui, a opção foi pelas definições da OCDE.

Figura 1: Educação financeira X Alfabetização financeira



Fonte: Borges e Botelho (2020)

Potrich, (2014) diz que embora educação e alfabetização financeira sejam conceitos semelhantes, não são sinônimos. A educação financeira abrange todo o processo de ensino, enquanto a alfabetização financeira se refere ao conhecimento. Uma maior alfabetização financeira geralmente se traduz em um maior bem-estar financeiro, enquanto uma menor alfabetização financeira está associada a um menor bem-estar financeiro (YAKOBOSKI; LUSARDI; HASLER, 2022).

## 2.2 CONSEQUÊNCIAS DO ANALFABETISMO FINANCEIRO

O analfabetismo financeiro representa uma ameaça multidimensional indo além da simples falta de compreensão de como gerir o dinheiro. A falta de habilidades financeiras pode resultar em uma série de consequências negativas para o bem-estar físico e mental. Essas consequências incluem problemas que vão desde perda de sono, instabilidade de humor, e ansiedade até baixa autoestima, falta de concentração, isolamento, entre outros (SESI,2022). Esta complexidade impõe um grande desafio interdisciplinar, envolvendo áreas como medicina, psicologia, economia e administração. Compreender como o dinheiro funciona traz benefícios para os governos, a economia e os indivíduos, pois está associado a uma "melhor saúde e menos estresse".

Posto isso, é pertinente questionar: como se pode esperar que pessoas alcancem um nível satisfatório de alfabetização financeira se não há um investimento substancial em programas que efetivamente as ensinem sobre como gerenciar seus recursos financeiros? A habilidade de lidar com dinheiro não é algo naturalmente presente, mas sim adquirido. Portanto, é fundamental fornecer condições adequadas para que as pessoas aprendam a administrar seus recursos. Sem base, o gerenciamento correto dos recursos pessoais torna-se uma tarefa quase impossível, na maior parte das vezes.

## 2.3 O CONTEXTO BRASILEIRO

No contexto brasileiro, a alfabetização financeira é uma questão que precisa de atenção especial, dada a realidade do endividamento crescente, apontado pela pesquisa realizada em 2020 pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e a Confederação Nacional, de Dirigentes

Lojistas (CNDL). Além do fator endividamento, a pesquisa mostrou os resultados negativos deste em relação a saúde dos pesquisados. Quando analisou consumidores com dívidas atrasadas há mais de 90 dias, concluiu que oito em cada dez inadimplentes (82,2%) disseram que sofreram algum tipo de sentimento negativo quando perceberam a inadimplência. Entre os problemas relatados, o mais citado foi ansiedade (63,5%), seguidos de estresse e irritação (58,3%), tristeza e desânimo (56,2%), angústia (55,3%) e vergonha (54,2%), sendo esta, mais frequente entre as mulheres (57,6%).

Dados esses resultados, a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) indica que de 2020 para cá, as coisas não mudaram muito já que em abril de 2023, 78,3% dos núcleos familiares do país tinham dívidas e em 2022, a média total foi de 77,9%.

## 2.4 CONSEQUÊNCIAS DO ENDIVIDAMENTO

Sobre as consequências do endividamento, o artigo de Brown, Taylor e Price (2005), que investigou a relação entre dívida e bem-estar psicológico em chefes de família britânicas, por meio do *British Household Panel Survey*, apresentou evidências de uma forte associação estatística entre dificuldades financeiras e problemas psicológicos graves, tanto na população em geral (WEICH; LEWIS, 1998) quanto entre funcionários públicos britânicos, que apresentaram sintomas de depressão.

Além desse, outros estudos indicaram que estudantes britânicos endividados têm maior probabilidade de apresentar sintomas de angústia (ROBERTS; GOLDING; TOWELL, 1998; STRADLING, 2001). A tensão financeira e a preocupação com a dívida podem levar a um maior declínio no bem-estar psicológico, (BROWN; TAYLOR; PRICE, 2005).

O desafio de gerir eficazmente as diversas áreas da vida torna-se significativamente mais difícil quando confrontado com problemas financeiros que afetam além do bem-estar físico, a saúde mental de um indivíduo. As consequências do endividamento, muitas vezes resultam tanto da escassez de recursos como da má gestão deles, podendo levar ao surgimento de condições que hoje, são chamadas de “doenças financeiras”, termo bastante apropriado, considerando que as pessoas têm que navegar por questões financeiras ao longo de toda a vida, muitas vezes em paralelo a outras responsabilidades e desafios que juntos, acabam desencadeando fatores capazes de levar a esta nova categoria de doenças.

Massaro e Navarro (2013), mencionam a existência de fatores responsáveis por desencadear as chamadas “doenças financeiras”, sem considerar eventos imprevisíveis e incontroláveis, citam:

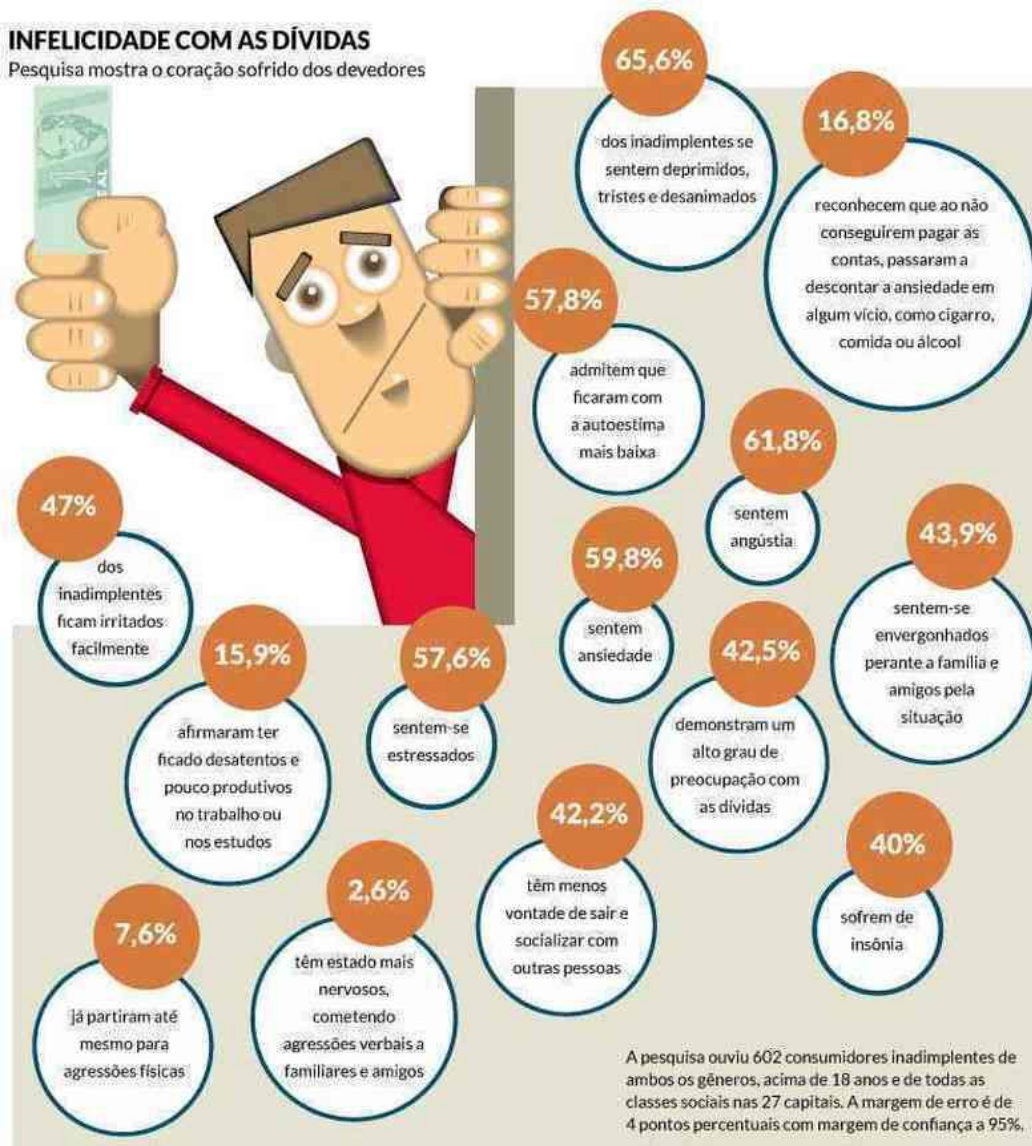
- Desequilíbrio (não viver dentro das suas possibilidades);
- Imediatismo (viver o aqui e o agora);
- Apatia (não se preocupar com as finanças e com o futuro);
- Renda insuficiente ou inexistente (não ter como prover suas necessidades gera uma série de complicações e doenças para o corpo);
- Excesso de autoconfiança (dar passos maiores que as pernas);
- Pressão social (comprar coisas para se sentir parte de uma sociedade).

Além das “doenças financeiras”, os autores. Massaro e Navarro (2013) apontam alguns distúrbios mentais decorrentes da falta de dinheiro, como:

- Baixa autoestima (dificuldade de concentração, produtividade no trabalho);
- Insônia (causadora de cansaço, indisposição, abatimento, irritabilidade, agravamento de doenças cardiovasculares e respiratórias);
- Irritabilidade (ao falar sobre problemas financeiros),
- Distúrbios alimentares (perda/ ganho de peso, problemas digestivos, dores no estômago ou abdominais);

- Depressão (uma pessoa endividada tem mais chances de ter depressão segundo a psicóloga Denilse Cunha);
  - Ansiedade (sentimento ligado à preocupação, nervosismo e medo intenso).
- Figura 2: O dinheiro pode não trazer felicidade, mas um descompasso financeiro acarreta problemas graves de saúde.

Figura 2: Falta de dinheiro faz mal à saúde



Fonte: Estado de Minas – Economia (2016)

Para além dessas condições, Weissman, Russell, e Taylor (2019), encontraram uma forte relação entre preocupações financeiras e problemas de dores crônicas (independentes de outros fatores médicos), classificando-os como sendo causados por estressores financeiros. Pesquisas realizadas em 2019 pelo *Centers for Disease Control and Prevention (CDC)*, apontam que 1 em cada 5 adultos estadunidenses, já experimentou condição de dor crônica e estimaram que 7,4% desses adultos tiveram dor crônica de alto impacto (HICP) o que acabou limitando suas atividades de vida e de trabalho (WEISSMAN; RUSSELL; TAYLOR, 2019).

Gadelha Souza (2017), apresenta análises que indicam uma relação de causalidade estatisticamente significativa entre o estresse financeiro individual, que foi medido pelo IFDFW (Índice de Estresse Financeiro utilizando a Escala de Estresse Financeiro/Bem-Estar Financeiro - *InCharge Financial Distress/ Financial Well-Being Scale*), e o comportamento do trabalhador brasileiro dentro do ambiente de trabalho. Concluiu que quanto maior o estresse financeiro, maior a probabilidade de faltas, especialmente as injustificadas.

Com base no cenário descrito, parece improvável que um indivíduo submetido a níveis elevados de estresse financeiro consiga desempenhar suas funções no trabalho com eficácia total. O peso mental e emocional em associação à instabilidade financeira facilmente pode se manifestar como distração, baixo comprometimento e falta de satisfação profissional. A incerteza financeira consome a atenção mental de um trabalhador, e acaba por desviar seu foco das atribuições profissionais e conseqüentemente, compromete sua produtividade. Sob estas condições, a realização pessoal e a eficácia laboral tornam-se metas muito mais difíceis de serem alcançadas.

## 2.5 A IMPORTÂNCIA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NA APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL

É frequentemente observado que a alfabetização financeira é subestimada ou até mesmo omitida dos programas de treinamento empresarial e essa omissão representa uma lacuna crítica, pois compromete não apenas o bem-estar financeiro dos colaboradores, mas também influencia negativamente a produtividade e a eficiência da organização.

Nesse contexto, a teoria da Aprendizagem Organizacional de Peter Senge, apresenta-se como uma ferramenta analítica relevante para abordar efetivamente a alfabetização financeira dentro das organizações.

A aprendizagem organizacional é um tópico estudado em Teoria Geral da Administração, com diferentes abordagens ontológicas e epistemológicas, que refletem um campo multiparadigmático (ANTONELLO; GODOY, 2010). Uma dessas abordagens é a visão sociológica da aprendizagem nas organizações (GHERARDI; NICOLINI; ODELLA, 1998; GHERARDI; NICOLINI, 2001; BISPO; MELLO, 2012; HAGER, 2012), que enfoca o ambiente social dentro das empresas como um local onde os processos de aprendizagem e geração de conhecimento ocorrem (BISPO, 2013).

A noção de organizações de aprendizagem surgiu nas décadas de 1960 e 1970, em um momento em que o desafio da mudança se tornava cada vez mais relevante. Entretanto, foi nos anos 90 que o estudo das organizações de aprendizagem ganhou maior intensidade e consolidação, graças ao trabalho fundamental de Senge (1990), que é extensivamente reconhecido como o principal idealizador desse conceito. A ênfase nesse conceito e sua retomada se devem ao seu valor explicativo e significativo em processos de mudança organizacional, especialmente em um contexto competitivo onde a inovação de produtos e processos se torna primordial para a sobrevivência das organizações (SOUZA, 2007).

No contexto organizacional, programas de treinamento e desenvolvimento são normalmente, parte da educação continuada que tem como objetivo, atualizar e melhorar as habilidades e competências dos funcionários. Na busca de diminuir as interferências externas, aqui relacionadas a falta de dinheiro, que podem afetar o desempenho no trabalho — como baixa produtividade, absenteísmo, falta de atenção, baixo engajamento do funcionário, alta rotatividade e relações interpessoais tensas — a alfabetização financeira assume uma importância estratégica.

É interessante observar que quando uma empresa decide instruir seus empregados em alfabetização financeira com a intenção de aumentar a produtividade, está fazendo uma intervenção focada e específica que pode trazer bons resultados.

Senge (2005) destaca a relevância de estabelecer uma cultura corporativa focada na aprendizagem contínua. Isso habilita equipes e indivíduos a aprimorar habilidades, atualizar conhecimento e se ajustar a mudanças.

Neste contexto, integrar a educação financeira pode ser viabilizada pelos princípios da aprendizagem organizacional, promovendo a consciência, a capacitação e a estabilidade financeira dos colaboradores.

A aprendizagem organizacional nada mais é do que considerar todos os tipos de conhecimento, formais ou informais, que possam ser aplicados no dia a dia das empresas visando alcançar melhores resultados para a organização, bem como fortalecer o pensamento estratégico (MEIER, 2022).

Promover o aprendizado, desenvolver a capacidade de adquirir, gerar, organizar, armazenar e disseminar o conhecimento, valorizando o capital intelectual de seus colaboradores é de suma importância para Empresas.

Organizações que aprendem, são organizações com capacidade de renovar e inovar continuamente, buscando corrigir deficiências de aprendizagem, começando por identificá-las e em seguida aplicar técnicas que exercitem um raciocínio sistêmico (MEIER, 2022).

Ao aplicar a teoria da Organização que Aprende, é possível explorar as interações entre as influências externas e as práticas de aprendizagem dentro das organizações. Senge (2006) diz que o envolvimento de todos os membros da organização e a aplicação das cinco disciplinas (5D) de aprendizagem: Domínio Pessoal, Modelos Mentais, Visão Compartilhada, Aprendizagem em Grupo e Pensamento Sistêmico, é essencial para que uma empresa se torne uma *Learning Organization*. E é por meio delas que a aprendizagem pode expandir a capacidade das empresas para alcançar resultados desejados.

A quinta disciplina, o pensamento sistêmico, surgiu em resposta à necessidade de lidar com mudanças constantes, atuando como uma força integradora, unindo as outras disciplinas em uma abordagem coerente de teoria e prática (Lunenburg, 2011). A alfabetização financeira pode entrar no pensamento sistêmico, já que não deve ser uma iniciativa isolada, mas parte de um sistema mais amplo de bem-estar dos colaboradores e eficácia organizacional. Avaliações regulares e ajustes no programa podem ajudar a assegurar que ele continue a atender às necessidades da organização e de seus membros.

Senge (2006), destaca a importância da melhoria de desempenho e competitividade nas organizações, integrando diversos conceitos da Administração ao processo de aprendizagem, (MAYER *at.al.*, 2017).

O conhecimento, entendido como uma ferramenta que auxilia na formação da cultura da aprendizagem, valendo-se de práticas internas, influencia positivamente as pessoas da organização. Espera-se que esse conhecimento seja transformado em ações que tragam soluções e otimizem a rotina de trabalho, aumentando, assim, a produtividade.

Nesse sentido, a integração da alfabetização financeira se torna bastante interessante, considerando a importância do aprendizado e seus resultados. Ao combinar a alfabetização financeira com as disciplinas propostas por Senge, as organizações podem promover um ambiente de aprendizado financeiro abrangente. Isso envolve capacitar os membros da organização a compreenderem e a gerenciar suas finanças pessoais, desenvolvendo habilidades financeiras fundamentais para a tomada de decisões informadas (Brito, Oliveira & Castro, 2012).

Essa abordagem contribui para a construção de uma cultura de aprendizado, incentivando a busca de conhecimento, a troca de experiências e a colaboração dentro da organização (Vasconcelos, 2014). Dessa forma, a inserção da alfabetização financeira na Organização Aprendente, pode fortalecer o desenvolvimento organizacional, empoderar os colaboradores e promover uma gestão financeira mais eficaz e sustentável (Brito, Oliveira & Castro, 2012).



Além disso, a adaptabilidade é fundamental para sobreviver no competitivo mercado de trabalho da era informacional. Sendo assim, investir no capital humano é essencial para se manter atualizado e valorizar as organizações (Torres, 2009).

A educação corporativa desempenha um papel importante ao disseminar conhecimentos, atitudes, valores e habilidades necessárias para o desenvolvimento completo das pessoas. Ao alinhar essas atividades às estratégias da organização, os funcionários são capacitados a agregar valor ao negócio (Torres, 2009).

Essa é a grande diferença entre a educação escolar e a educação corporativa, um processo contínuo de aprendizagem que deve acompanhar a existência do indivíduo e, quando aplicada nas empresas, pode se tornar um diferencial competitivo proeminente (LUNENBURG, 2011). Para que o conhecimento flua é fundamental que se crie um ambiente favorável, uma cultura de aprendizagem que segundo Senge (2005) busca a inovação para disseminar conhecimento em todas as áreas, demandando uma mudança de visão por parte dos gestores e de seus colaboradores que devem passar a perceber a Instituição de forma diferente, como uma estrutura que gera conhecimento e facilita o desenvolvimento da aprendizagem, além de apenas gerar capital (INAZAWA, 2009).

Esta estratégia atende não apenas os desafios internos, mas também pode resolver problemas externos que tanto afetam a organização.

Por exemplo, é comum funcionários gastarem horas de trabalho negociando dívidas (YAKOBOSKI; LUSARDI; HASLER, 2023). Ao minimizar essas distrações financeiras, a empresa pode melhorar não apenas o bem-estar de seus colaboradores, mas também pode experimentar um aumento em seus lucros, já que seus funcionários estarão mais focados e direcionados às suas atividades laborais.

## 2.6 POLÍTICAS PÚBLICAS - O CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO EFETIVA DA ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA

O que está sendo feito em termos de políticas públicas no Brasil para combater o analfabetismo financeiro?

A preocupação em melhorar a vida financeira das pessoas no Brasil é recente. Iniciou em 2010 com a criação da “Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF”, através do Decreto Federal 7.397/2010, (BRASIL, 2019) e renovada pelo Decreto Federal nº 10.393, de 9 de junho de 2020, visando contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes, (BRASIL, 2020). Baseado nisso, conclui-se que empresas também podem contribuir para o fortalecimento da cidadania quando adotam algum método de alfabetização financeira para seus funcionários. Isso é possível? Existem estudos que mostram como programas de alfabetização financeira no local de trabalho podem melhorar o desempenho dos funcionários? A implementação desses programas resulta em um retorno sobre investimento para as empresas?

Sim, ainda que muito pouco, existem estudos que mostram como é possível alcançar bons resultados em um período médio de 6 meses a 1 ano, como apontou Souza (2007), ao constatar um aumento na produtividade e na qualidade dos serviços prestados em uma empresa de telefonia móvel, incluindo redução dos custos com assistência médica e a retenção de bons funcionários que, antes endividados, optavam por deixar a empresa buscando vantagens de tempo de trabalho a fim de quitar dívidas.

Um estudo conduzido por Xiao e Xin (2022), examinou a relação entre alfabetização financeira e felicidade, usando uma nova medida de índice de *homo economicus* e *homo sociologicus*, onde os resultados apontaram que a alfabetização financeira se mostrou mais importante do que a renda para prever a felicidade. Portanto, investir em alfabetização financeira em busca do bem-estar financeiro pode ser mais vantajoso do que o aumentar salários.

Outro estudo conduzido por Reginaldo em 2019 no Sul do Brasil com um total de 64 colaboradores, divididos entre três tipos de organizações, uma do setor tecnológico com 14 colaboradores (23% da amostra), outra do setor da saúde com 26 colaboradores (40,6% da amostra) e a última do setor de varejo com 25 colaboradores (40% da amostra) apresentou os seguintes resultados:

- Após a realização de um minicurso de educação financeira nos diferentes setores foram analisadas as mudanças nas atitudes, comportamento e conhecimento financeiro dos participantes.
- No setor da saúde, observou-se uma manutenção das atitudes financeiras, com uma leve melhoria no comportamento financeiro e um aumento significativo no conhecimento financeiro dos participantes após o minicurso.
- No setor de tecnologia, as atitudes financeiras permaneceram praticamente as mesmas, houve um pequeno declínio no comportamento financeiro, mas também foi identificada uma ligeira melhora no conhecimento financeiro dos participantes.
- No setor de varejo, houve uma melhoria nas atitudes financeiras dos participantes, um pequeno declínio no comportamento financeiro, mas uma considerável melhora no conhecimento financeiro após o minicurso.
- Em geral, pode-se concluir que a intervenção por meio de um minicurso de educação financeira teve impactos variados nos diferentes setores, com maior ênfase na melhoria do conhecimento financeiro dos participantes.

Este fato reforça a relevância de integrar a teoria da organização que aprende com estratégias de alfabetização e bem-estar financeiro. Estudos como os de Lusardi e Mitchell (2014) destacam a importância econômica da alfabetização financeira, enquanto Mandell e Klein (2009) e Hastings e Tejeda-Ashton (2008) mostram o impacto positivo dessa intervenção em comportamentos financeiros em contextos específicos.

Tais pesquisas ajudam a preencher lacunas na literatura internacional e confirmam a eficácia da capacitação interna em alfabetização financeira para melhorar o desempenho e o bem-estar dos colaboradores.

Contudo, no Brasil, existe uma escassez de estudos que apresentam esses benefícios, o que pode estar limitando o incentivo para que empresas incorporem essas práticas em seus ambientes de trabalho.

Posto isso, surge uma questão importante: será que as organizações ainda têm dificuldade em perceber o colaborador como um ser humano integral, com necessidades e sentimentos, e não apenas como um recurso para atingir metas corporativas? É essencial que as empresas reconheçam e percebam que investir no desenvolvimento pessoal dos funcionários pode gerar retornos significativos para a organização como um todo.

Assim, é crucial mudar essa percepção e promover uma cultura que valorize o bem-estar e o crescimento pessoal dos colaboradores para além da empresa, entendendo que tais investimentos não são apenas éticos, mas também estratégicos na busca do sucesso empresarial. O bem-estar no trabalho é muito influenciado por fatores pessoais, portanto, vida pessoal e de trabalho são domínios interdependentes, onde um, influencia o outro (OLIVEIRA, 2021). Com isso, é possível concluir que a alfabetização financeira é de grande importância para as empresas que visam não apenas o aumento de seus lucros, mas também, a qualidade de vida de seus colaboradores, (SOUZA, 2007).

Resumindo, a alfabetização financeira é indispensável para o bem-estar coletivo e o sucesso de uma organização. A Teoria da Organização que Aprende de Peter Senge oferece um modelo valioso para integrar a educação financeira na cultura empresarial, promovendo um ambiente de aprendizado que pode beneficiar tanto os indivíduos quanto a organização como um todo. Investir nessa integração deixa de ser apenas estratégico e passa a ser potencialmente lucrativo,

contribuindo para uma força de trabalho mais estável, produtiva e, por extensão, uma organização mais lucrativa.

Figura 3: Aprendizagem Organizacional



Fonte: slideserve.com (2014)

Portanto, a fusão da alfabetização financeira com a aprendizagem organizacional como objetivo traçado, se torna indispensável na busca do bem-estar financeiro e na otimização da produtividade e lucratividade empresarial para alcançar o resultado desejado.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

O ensaio destaca o papel crucial da alfabetização financeira para o bem-estar dos colaboradores em um ambiente corporativo. A ausência de educação financeira resulta não apenas em desequilíbrios financeiros, mas também em impactos físicos e psicológicos que refletem em diversas áreas da vida do indivíduo. Portanto, a aplicação da teoria da Aprendizagem Organizacional como ferramenta para introduzir educação financeira na cultura empresarial representa um investimento estratégico que pode trazer benefícios múltiplos, desde a melhora na qualidade e produtividade do trabalho até a promoção do bem-estar financeiro individual. No entanto, um ponto de crítica relevante é o foco excessivo em avaliar apenas os níveis de alfabetização financeira, muitas vezes sem um acompanhamento que mensure os efeitos dessa capacitação sobre o bem-estar e a produtividade dos colaboradores. É essencial que futuras pesquisas não se limitem a propor programas de capacitação, mas também forneçam dados concretos sobre seus resultados, de forma a comprovar o retorno sobre o investimento para ambos os lados: colaboradores e organizações, fortalecendo o pouco que já se encontra na literatura sobre esses benefícios.

A busca pela integração da alfabetização financeira, bem-estar financeiro e cultura organizacional que valorize o desenvolvimento humano é, inquestionavelmente, um desafio. Contudo, se bem executado, esse investimento tem potencial para proporcionar ganhos significativos em termos de lucratividade, produtividade e estabilidade financeira.

Cabe ressaltar que, apesar de informativo, este estudo tem suas limitações, incluindo a falta de dados pós-capacitação financeira e seus reflexos no ambiente de trabalho. No entanto, ele oferece informações valiosas que podem orientar pesquisas futuras e mais profundas no campo,

permitindo assim, uma compreensão mais detalhada da importância da alfabetização financeira nas organizações.

As limitações identificadas aqui, podem servir como um guia para o desenvolvimento de futuras pesquisas que possam contribuir para o avanço do conhecimento científico sobre o tema e o incentivo para que empresas integrem a alfabetização financeira em sua cultura organizacional.

## REFERÊNCIAS

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. A Encruzilhada da Aprendizagem Organizacional: uma Visão Multiparadigmática RAC - **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 14, núm. 2, março-abril, 2010, pp. 310-332 Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/840/84012382008.pdf>. Acesso em mai. 2023.

ARDICHVILI, A., Page, V.; WENTLING, T. (2003). Motivation and barriers to participation in virtual knowledge-sharing communities of practice. **Journal of Knowledge Management**, 7(1), 64-77. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/13673270310463626/full/html> Acesso em jan. 2023.

BISPO, Marcelo de Souza. Organizational learning based on the concept of practice: contributions from Silvia Gherardi. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 6, p. 132-161, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262627190\\_Organizational\\_learning\\_based\\_on\\_the\\_concept\\_of\\_practice\\_contributions\\_from\\_Silvia\\_Gherardi](https://www.researchgate.net/publication/262627190_Organizational_learning_based_on_the_concept_of_practice_contributions_from_Silvia_Gherardi) Acesso em set. 2022.

BOOTH, A., PAPAIOANNOU, D., SUTTON, A. Systematic approaches to a successful literature review. **Sage Publications**. 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/235930866\\_Systematic\\_Approaches\\_to\\_a\\_Successful\\_Literature\\_Review](https://www.researchgate.net/publication/235930866_Systematic_Approaches_to_a_Successful_Literature_Review) Acesso em mai. 2023.

BRASIL. Decreto nº 10.393, de 09 de junho de 2020. **Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF**.

BRASIL. Decreto nº 7397, de 22 de dezembro de 2010. **Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF**, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências.

BRITO, E. P., OLIVEIRA, M. R., CASTRO, F. R. **Aprendizagem organizacional e os sistemas de controle gerencial: Um estudo bibliográfico**. 2012.

BROWN, Sarah; TAYLOR, Karl; PRICE, Stephen Wheatley - Debt and distress: Evaluating the psychological cost of credit - **Journal of Economic Psychology**, Universidade de Leicester, University Road, Leicester LE1 7RH, Reino Unido, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167487005000103?via%3Dihub>

CALANDRO, Joseph Jr; HOFFMIRE, John - **“The Business of Personal Finance: How to Improve Financial Wellness”** – 2022 - ISBN-10: 1032104570. <https://doi.org/10.4324/9781003215417>

CAMPARA, J. P., VIEIRA, K. M., & CERETTA, P. S. (2016). Entendendo a Atitude ao Endividamento: Fatores Comportamentais e Variáveis Socioeconômicas o Determinam? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**. Disponível em: <https://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/2012/883> Acesso em jun. 2023

CFPP – Consumer Financial Protection Bureau. **Financial well-being: the goal of financial education.** 2015. Disponível em: [https://files.consumerfinance.gov/f/201501\\_cfpb\\_report\\_financial-well-being.pdf](https://files.consumerfinance.gov/f/201501_cfpb_report_financial-well-being.pdf) Acesso em set. 2022.

CNDL/SPC Brasil - 8 em cada 10 inadimplentes sofreram impacto emocional negativo por conta das dívidas.2020. Disponível em: <https://site.cndl.org.br/8-em-cada-10-inadimplentes-sofreram-impacto-emocional-negativo-por-conta-das-dividas-revela-pesquisa-cndlspc-brasil/>

HASTINGS, Justine S.; TEJEDA-ASHTON ,Lydia. "Financial literacy, information, and demand elasticity: Survey and experimental evidence from Mexico." **NBER Working Paper** No. 14538 December 2008 JEL No. H0,H55,L10. Disponível em: [https://www.nber.org/system/files/working\\_papers/w14538/w14538.pdf](https://www.nber.org/system/files/working_papers/w14538/w14538.pdf) Acesso em jul. 2023.

DOMINGOS, R. A. Educação Financeira Uma Ciência Comportamental. RECIMA21 - **Revista Científica Multidisciplinar** - ISSN 2675-6218. DOI: <https://doi.org/10.47820/recima21.v3i4.1217> . Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1217> Acesso em jan.2023.

FERREIRA, M. M. **Métodos de pesquisa.** Atlas. 2019.

FRADE, Catarina Claudia Ferreira. **A regulação do sobreendividamento.** 2008. Tese de Doutorado. Disponível em: [A regulação do sobreendividamento | Estudo Geral \(uc.pt\)](#) . Acesso em 20 dez 2022.

GADELHA SOUZA, A. M. Estresse financeiro e comportamento no trabalho: Um estudo entre funcionários de uma organização do setor financeiro. **Revista Eletrônica de Administração**, 23(2), 215-240. 2017.

GHERARDI, S., NICOLINI, D., ODELLA, F. Towards a social understanding of how people learn in organizations: The notion of situational interest. **Management Learning**, 29(3), 273-297. 1998.

GHERARDI, S., NICOLINI, D. **The sociological foundations of organizational learning.** 2000

Gil, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** Atlas. 2017

INAZAWA, Fernandez Kenji. **O papel da cultura organizacional e da aprendizagem para o sucesso da gestão do conhecimento,** 2009.

KÜHL, Marcos; VALER, Tatiana; GUSMÃO, Ivonaldo. Alfabetização Financeira: Evidências e Percepções em uma Cooperativa de Crédito. **Sociedade, Contabilidade e Gestão.** 11(2). 2016.

LUNENBURG, F. C. **Systems Thinking and the Learning Organization: The Path to School Improvement.** 2011

LUSARDI, A. **Financial literacy and the need for financial education: evidence and implications.** 2019

LUSARDI, A. **How financial literacy varies among U.S. adults.** 2022

LUSARDI, A. **Financial literacy and well-being in a five-generation America: The 2021 TIAA Institute-GFLEC Personal Finance Index.**

LUSARDI, A., MITCHELL, O. S. "The economic importance of financial literacy: Theory and evidence." **Journal of Economic Literature**, 52(1), 5-44. 2014.

MANDELL, L., KLEIN, L. S. "The impact of financial literacy education on subsequent financial behavior." **Journal of Financial Counseling and Planning**, 20(1), 15-24. 2009.

MASSARO, A., NAVARRO, C. **Dinheiro é um Santo Remédio: Cure Sua Vida Financeira e Nunca Mais Saia da Forma**. 2013.

MAYER, Miriam Maira; PELEGRINI, Priscila; BAGGENSTOSS, Salli; SILVA, Ronald Tavares Pires da. Aprendizagem organizacional: estudo baseado nas cinco disciplinas de Peter Senge aplicado em instituições hospitalares. In: **XXXVII Encontro Nacional De Engenharia De Producao**, Joinville, 2017.

MEIER, S. **Organizações que aprendem: A visão de Peter Senge e os processos de aprendizagem organizacional**. 2022. Disponível em: <https://www.sense-lab.com/post/organiza%C3%A7%C3%B5es-que-aprendem>

MILKOVICH, G. T., BOUDREAU, J. W. **Administração de Recursos Humanos**. 2000.

OCDE.. **Recomendação do Conselho sobre Alfabetização Financeira**. 2020.

OCDE. **Recommendation on Principles and Good Practices for Financial Education and Awareness. Recommendation of the Council, 2005**. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>

POTRICH, Ani Caroline Grigion. **Alfabetização financeira: integrando conhecimento, atitude e comportamento financeiros**. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Administração) - Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

ROBERTS, R., GOLDING, J., TOWELL, T. **Student finance and mental health** 1998. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/232484937> Student finance and mental health  
Acesso em: jul. 2023

REGINALDO, V. M. S. **Avaliação dos impactos de um minicurso de educação financeira em diferentes organizações**. 2019. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/202353/TCC%20Andrey.pdf?sequenc e=1> Acesso em jul. 2023.

SANTOS, G. S., ROGERS, P., ROGERS, D. **Endividamento, Qualidade de Vida e Saúde Mental e Física**. 2018.

SANTOS, L. A. **A Importância da Educação Financeira nas Empresas sob o Aspecto da Produtividade e a Redução dos Acidentes de Trabalho**. 2013

SENGE, P. M. **The fifth discipline: The art and practice of the learning organization**. 1990.

SENGE, P. M.. **The fifth discipline fieldbook: Strategies and tools for building a learning organization**. 1994

SENGE, P. M. **A quinta disciplina: Arte e prática da organização que aprende**. 2006.

SENGE, P. M. **A quinta disciplina: Caderno de campo**. 2012.

SMITH, J. Advances in the field of study. **Journal of Research**, 15(2), 123-145. 2020.

SOUZA, Andre dos Santos. **O conceito de organizações de aprendizagem em uma empresa de telefonia móvel**. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SPC Brasil. **Sentimentos associados à inadimplência**. 2020. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=0CAIQw7AJahcKEwj4hryn5Y6AAxUAAAAAHQAAAAAQAg&url=https%3A%2F%2Fwww.spcbrasil.org.br%2Fwpimpress%2Fwp-content%2Fuploads%2F2020%2F03%2FRelease-Pesquisa-Perfil-do-Inadimplente-Impacto-Emocional.pdf&psig=A0vVaw1MrDLv7oEBj3cslgRgTTnz&ust=1689444429445560&opi=89978449>

STRADLING, R. Debt and health in young British adults: A cohort analysis. **Journal of Health Psychology**, 6(5), 537-548. 2001

STRADLING, S. G. **Financial circumstances, emotional factors, and travel behavior**. 2001.

TORRES, R. **Educação corporativa como estratégia para agregar valor ao negócio**. 2009.

TURUNEN, E., HIILAMO, H. **Health effects of indebtedness: a systematic review**. 2014.

VASCONCELOS, F. C. **A importância da educação financeira nas organizações**. **Revista Brasileira de Administração Científica**, 5(1), 33-4. 2014.

VIEIRA, Saulo Amâncio; BATAGLIA, Regiane; SEREIA, Vanderlei. **Educação Financeira e Decisões de Consumo, Investimento e Poupança: Uma Análise dos Alunos de Uma Universidade Pública do Norte do Paraná**. 2011

WEISSMAN, Judith D.; RUSSELL, David; TAYLOR, John - The Relationship Between Financial Stressors, Chronic Pain, and High-Impact Chronic Pain: Findings From the 2019 **National Health Interview Survey Affiliations expand** - PMID: 35506496 DOI: 10.1177/00333549221091786 – Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35506496/>. Acesso em: 23 set. 2022. XIAO, Huiwen;

XIN, Ziqiang. Financial literacy is better than income for predicting happiness. **Associação Americana de Psicologia 2022** - versão impressa ISSN: 1937-321X

YAKOBOSKI, Paul J.; LUSARDI, Annamaria; HASLER, Andrea. **How financial literacy varies among U.S. adults** – 2022.

YAKOBOSKI, Paul J.; LUSARDI, Annamaria; HASLER, Andrea, **Financial literacy and well-being in a five generation America: The 2021 TIAA Institute-GFLEC Personal Finance Index** (October 24, 2022). TIAA Institute Research Paper Series No. 2022-01, Available at SSRN: <https://ssrn.com/abstract=4256797> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4256797>.

FIGURAS

[2057.pdf \(fipecafi.org\)](#)

[Falta de dinheiro faz mal à saúde, avalia pesquisa junto ao consumidor - Economia - Estado de Minas.](#)

[PPT - Aprendizagem Organizacional: oportunidades e debates PowerPoint Presentation - ID:937187 \(slideserve.com\)](#)